

A edição de livros em Moçambique: o caso da Oleba Editores e do editor Alex Dau¹

Letícia Santana Gomes²
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

RESUMO

Pretendemos, neste artigo, discutir a edição de livros em Moçambique a partir de duas entrevistas realizadas com o editor e autor Alex Dau. Apesar de pouco discutida a questão do mercado editorial e do papel social do editor na realidade moçambicana, conseguimos abarcar alguns entraves e desafios de publicações em um país que ainda busca identidade literária. Como arcabouço teórico, discutiremos as estratégias do campo editorial de Moçambique a partir de Bourdieu (2014), a postura e os desafios de ser um editor moçambicano independente em um país africano, amparados pela discussão de Munir Jr. (2016) e, de certa forma, sobre a literatura que se é produzida e publicada em Moçambique (RIBEIRO; MENESES, 2008). Alex Dau, autor e editor da Oleba Editores, descreve as suas estratégias editoriais – como autor e editor – em um país que está para ser independente e busca a sua autonomia.

PALAVRAS-CHAVE

Edição em Moçambique; Oleba Editores; Editor Alex Dau.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista um cenário de abordagem praticamente nulo sobre a edição de livros em Moçambique, iremos propor neste artigo algumas considerações sobre a cadeia editorial do livro nesse país, por meio de duas entrevistas realizadas com o editor e escritor Alex Dau. Teremos, portanto, um estudo de caso que envolve um panorama sobre a sua editora, a Oleba Editores, e sobre a própria formação como editor independente em um país que teve sua independência tardia, apenas em 1975. Para isso, discutiremos as estratégias do campo editorial de Moçambique a partir de Bourdieu (2014), a postura e os desafios de ser um editor moçambicano independente em um país africano, amparados pela discussão

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Estudos de Linguagens do CEFET-MG.

de Munir Jr. (2016) e, de certa forma, sobre a literatura que se é produzida e publicada em Moçambique (RIBEIRO; MENESES, 2008).

Para retratarmos o mercado editorial de Moçambique, foi preciso um levantamento acerca de sua história muito recente e de sua questão literária. Com o depoimento do editor Alex Dau, a contextualização do mercado ficará mais clara, já que o editor aborda a vinda de grandes grupos editoriais portugueses que monopolizaram a edição em Moçambique e relata as medidas para conseguir acompanhá-los e caminhar para a resistência. Em seguida, trouxemos a discussão de Bourdieu (2014) sobre uma análise da estrutura do campo editorial.

Bourdieu: o editor duas faces

Iniciaremos este artigo com as reflexões de Bourdieu, no texto publicado originalmente em francês, em 1999, em que analisa a “Revolução conservadora da edição³”, quando reconhece o quanto os editores “heroicos” lutavam pela sua sobrevivência e os editores conhecidos como *publishers*⁴ avançavam no contexto editorial francês. Como não encontramos uma literatura existente sobre a edição livreira em Moçambique, acreditamos que a discussão sobre editor e o campo editorial seria pertinente para que possamos situar o contexto em que Moçambique está inserido.

O pesquisador reflete sobre as características do editor como aquele que tem o poder de assegurar a publicação. Para compreender o processo de seleção, deve-se conhecer os critérios de distinção entre o que deve ser publicável ou não. Mas o que é determinante, segundo Bourdieu, é a estrutura do campo editorial⁵ e o seu conjunto. São eles quem determinam o tamanho e a estrutura da unidade responsável pela decisão. Por exemplo, a escolha da editora ao lado do literário ou ao lado do comercial, ou, segundo a antiga

³ BOURDIEU, Pierre. Une révolution conservatrice dans l'édition. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 126-127, p. 3-28, mar. 1999.

⁴ Conforme elucida Bragança (2003), o *publisher* é aquele proprietário ou responsável de uma empresa organizada para a publicação de livros.

⁵ Recentemente, este artigo de Bourdieu (1999) foi traduzido por Munir Jr. e Salgado (2018), apresentando o campo editorial da seguinte forma: “o objeto *campo editorial* como um espaço relativamente autônomo – ou seja, capaz de retraduzir segundo sua própria lógica as forças externas, principalmente as econômicas e políticas – no qual as estratégias editoriais firmam seus princípios”. (p.205)

oposição de Flaubert, privilegiar a arte ou o dinheiro, ou ainda a posição do editor de duas faces, entre o simbólico e o econômico.

Cada editora ocupa uma posição no campo editorial, que depende de sua posição na distribuição dos recursos (econômicos, simbólicos, técnicos) e os poderes que conferem sobre o campo. Para Bourdieu (2014), o mais importante das mudanças observadas na política editorial das diferentes editoras pode estar relacionado à mudança de posição que elas ocupam no campo⁶. Para isso, foi necessário estabelecer uma diferença na época dos “tempos heroicos”, em que os autores a serviço do capital simbólico contribuían para acumulação do capital, diferentemente do cenário atual, em que se colocam a serviço autores mais comerciais.

Sobre a estrutura de capital das editoras, Bourdieu (2014) distingue segundo o peso relativo de seu capital financeiro (assim como a força comercial) e do capital simbólico. Os editores distribuem-se segundo o grau e a forma de dependência pela qual se encontram, tanto do ponto de vista financeiro, como do ponto de vista da distribuição: as editoras independentes, grandes ou pequenas, opõem-se às filiais de grandes grupos que dependem de outras instâncias ou organismos para a difusão de suas publicações. As editoras medianas, a maioria das vezes dependentes, dispõem de um capital econômico que predomina, amplamente, sobre seu capital simbólico atual.

Na esteira dessas discussões, fica evidente que as pequenas editoras têm mais possibilidade de serem dirigidas por editores, geralmente, mais jovens, a maioria mulheres e de origem social relativamente elevada, dotados de uma forte cultura literária e, sobretudo, investidos – intelectual e afetivamente – em seu ofício. Já as grandes editoras têm mais possibilidades de serem concebidas por herdeiros, técnicos, formados no trabalho ou legitimados por títulos escolares.

Por isso, a metáfora utilizada é a de que o editor é um personagem duplo, que deve saber conciliar a arte e o dinheiro, o amor à literatura e a busca de benefício, a partir de

⁶ Não iremos entrar a fundo na questão dos campos propostos por Bourdieu, apenas explicitar tal conceito, que pode ser entendido, a partir da reflexão de Barros (1997), como um espaço estruturado de posições em que agentes estão em concorrência pelos seus troféus específicos, seguindo regras específicas.

estratégias que se situam de alguma maneira entre os extremos. A competência do editor – e de todos os que estão ligados ao objeto livro, em qualquer função que seja – relaciona-se com dois pares antagonistas e com a atitude para associá-las harmoniosamente: as atitudes propriamente literárias de saber ler e as atitudes técnico-comerciais de quem sabe contar. O editor, em sua definição ideal, deveria ser, por sua vez, um especulador inspirado, disposto às apostas mais arriscadas, e um contador rigoroso, e relativamente um pouco parcimonioso. De fato, o editor é um “[...] homem de negócios mergulhado na economia antieconômica da pura arte” (BOURDIEU, 2014, p. 243, tradução nossa)⁷. Nesse sentido, com tal panorama sustentado por Bourdieu (1999), iremos expor o cenário editorial moçambicano a partir de entrevistas realizadas pelo editor e escritor Alex Dau.

ALEX DAU: ENTRE AUTORIA E EDIÇÃO

Mais conhecido como Alex Dau, o escritor e editor Paulo Alexandre Dauto da Conceição é moçambicano, nascido na cidade de Quelimane, também conhecida por Pequeno Brasil. Por ser escritor e ter encontrado alguns desafios em sua trajetória, criou a sua própria editora, a *Oleba Editores*, que surgiu da necessidade de dar assistência aos autores, principalmente por Moçambique ser carente de incentivos nessa área. Alex Dau teve a sua formação acadêmica na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, formando-se em Literaturas Portuguesa e Africana. Como editor, considera-se autodidata e obteve aprendizados práticos. Paralelo a esse trabalho, é técnico em Informática e *videomaker* por alguns momentos.

Nossa primeira entrevista com Alex Dau se deu em novembro de 2016, via *Skype*, quando coletava os dados para a minha pesquisa de Mestrado, cujo objetivo era discutir o que é ser um editor independente em diferentes países ditos lusófonos, amparados por um percurso teórico discursivo e autobiográfico. Neste artigo, não iremos colocar a definição sobre editor independente em primeiro plano, mas considerá-la a partir do ponto de vista do próprio editor analisado. Sobre ser independente, relata:

00:39:58 a 00:43:37

Bem, não é bem assim na contramão, mas é encontrar um meio em que eu como editor independente e o autor consigam ficar satisfeitos, tanto um como outro, consigam encontrar um meio termo para todos ficarem felizes. Então,

⁷ Tradução nossa para: “Hombre de negocios sumido en la economía antieconómica del puro arte”.

assim, em relação às editoras de Moçambique, nós temos uma série de problemas, tem a distribuição de livros, o autor, por exemplo, depois de publicar um livro, ele fica à espera de receber seus direitos de autor, não recebe ou recebe um valor que ele acha que não vai de acordo com aquilo que foi o seu trabalho. Então, há um certo desentendimento dos autores com as editoras, então essa vontade de criar uma editora independente era pra responder às necessidades dos autores. Eu como autor sentia que eu estava sendo injustiçado. Então, encontrei uma maneira, olha... eu vou fazer, vou ser um editor independente aí pelo menos eu consigo, eu sei onde estão os problemas e vou tentar sanar esses problemas. Por exemplo, a distribuição é muito fraca em Moçambique. Eu sei dizer, uma editora levar o livro, querer fazer distribuição, não chega lá. O livro pode levar até 5 anos ou 10 e o autor está à espera dos seus direitos de autor, percebe? Então isso é um grande problema. Então, o que eu faço, eu aconselho os autores, a melhor maneira de seu livro foi vendido é este, a melhor maneira de tu fazer o seu livro é assim, e uma das coisas que eu faço com uma editora independente é tiragens reduzidas, 100, 200, 300. Então, as outras editoras eles fazem uma tiragem muito grande e, depois, pra ser vendido, leva um processo muito, muito, muito longo. E eu sei que, para se vender um livro em Moçambique é complicado, o poder de compras do moçambicano também é reduzido, é, principalmente quando se trata de comprar livros. Então, existe uma plataforma para nós fazermos facilmente com que o livro chega às pessoas, que é através de lançamentos, através de convívios, de intercâmbios, a gente põe os livros à venda, a gente interage com os leitores, apresentação dos livros nas faculdades, nas escolas, então essas são as plataformas que encontramos de fazer contato com os leitores e pôr o livro ao alcance deles.

Alex Dau revela o independente como um meio termo tanto para o editor, quanto para o autor, para que ambos possam se beneficiar. Por ter experiência como autor, resolveu criar a sua própria editora, de maneira que atendesse outras lógicas de apoio ao escritor. É importante inferirmos que o conceito de independente em Alex Dau também está vinculado ao sentido de independência da própria nação, que teve sua emancipação tardia, apenas em 1975 e, conseqüentemente, uma insuficiência do país em diversas esferas públicas, sobretudo, a cultural. O editor e escritor ressalta os problemas com a distribuição, também comum ao Brasil, a dificuldade com os direitos autorais e o poder de compra do povo moçambicano, que é reduzido. Com Alex, percebemos uma visão de que ser independente facilitaria o acesso aos livros para o público leitor, de colocar os livros “ao alcance deles”.

Como o pesquisador Munir Jr. aponta, a noção de editor “independente” ampliou sua presença nos relatos de vida cultural nos últimos vinte anos. Tal presença se deve ao surgimento dos grandes grupos editoriais que seguem outra lógica de funcionamento de uma editora. Observam-se, então, várias dicotomias nesse espaço editorial. De um lado, em um ponto de vista aqui simplista, temos as pequenas, de capital familiar, do livro com

qualidade literária; de outro, as grandes, com capital financeiro e o livro como mercadoria. Em meio a essa polarização, Muniz Jr. propõe classificações em torno do “independente”. O título de seu trabalho, *Girafas e Bonsais: editores independentes na Argentina e no Brasil (1991 – 2015)*, já expressa essas duas categorias dentro do universo independente. Assim, o pesquisador propõe a dualidade, os editores “girafa”, empresários culturais que “[...] mantêm a cabeça no alto e os pés no chão” (MUNIZ JR. 2016, p. 19), caracterizados, geralmente, como editores mais velhos; e os editores “bonsai”, aqueles editores que “[...] requerem muitos cuidados e estão fadados a nunca crescer” (MUNIZ JR. 2016, p. 19). Esses últimos permanecem com um catálogo pequeno e não têm pretensão de virar empresa, fazem livros nas horas vagas, como um *hobby*, sendo caracterizadas como casas editoriais mais jovens.

Poderíamos categorizar o editor Alex Dau, conforme José Muniz, como o editor “bonsai”, em que as pretensões são de deixar o catálogo pequeno, mas com obras significativas e que possam chegar aos leitores. Também ressaltamos o valor simbólico em detrimento ao valor econômico, tal como apontava Bourdieu (1999).

Antes de iniciarmos o nosso percurso sobre a edição em Moçambique, sobretudo o estudo de caso da Oleba Editores, é preciso fazer um resgate do contexto em que o país africano se insere na literatura.

À PROCURA DE UMA LITERATURA NACIONAL EM MOÇAMBIQUE

Sabe-se que Moçambique, como ainda muitos países africanos, é um país que busca a sua identidade nacional. Segundo a especialista em Literatura Moçambicana, a escritora e pesquisadora italiana Anna Fresu (2016)⁸, a literatura em Moçambique ainda está em construção, é muito jovem, com aproximadamente cem anos⁹, e está muito ligada à situação geográfica, política e econômica. Está imbricada ao país o problema de sua colonização, como iremos descrever.

⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/S2wHQT>>. Acesso em: 27 maio 2019.

⁹ Referimo-nos à literatura escrita, o *liter*, em Moçambique, que deve ter aproximadamente 100 anos. Além disso, não nos referimos ao território, cuja ocupação vem sendo historiada pelo menos desde o século X, mas daquilo que se convencionou chamar de Moçambique.

Por volta do século XV, Portugal estava em pleno período das grandes navegações e de uma intensa penetração mercantil. Nessa época, o país lusitano “descobriu” e se apropriou do território de Moçambique, que tinha abundância de ouro, e passou a ser sua colônia de exploração, assim como o Brasil. No entanto, a situação entre colonizador e colonizado perdurou por mais de quatro séculos e Moçambique tornou-se um dos últimos países do mundo a conquistar sua independência, apenas em 1975, tendo o povo moçambicano que pegar em armas e lutar pelos seus direitos.

Conseqüentemente, o país teve inúmeras interferências no âmbito cultural. Ribeiro e Meneses (2008) apontam os principais momentos que irão interferir de forma decisiva no campo literário recente: o colonialismo tardio e as lutas nacionalistas; a independência e o ciclo nacionalista. O apelo à igualdade pós-independência provocou, “[...] de forma dramática, o apagamento das diferenças que formavam o tecido social do país, gerando profundas contradições (RIBEIRO; MENESES, 2008, p. 11)”. Assim, as autoras questionam “[...] a verdade é que o mito da literatura moçambicana como literatura em língua portuguesa nos obriga, frequentemente, a espalhar a diversidade que convive conosco no cotidiano”. (RIBEIRO; MENESES, 2008, p. 10).

No entanto, a pesquisadora Fresu (2016) ressalta que, para se construir uma nação, tem de se construir uma identidade nacional. Essa identidade do moçambicano é múltipla, porque há vários grupos com origens distintas e línguas diferentes entre eles. Há poucas línguas vinculadas que permitem uma comunicação entre as várias zonas do país. Misturar tudo isso sem que um prevaleça sobre o outro é que existe essa identidade nacional.]. Dessa forma, aos poucos, tomando consciência dessa realidade múltipla é que se constrói a identidade nacional. Mas, para isso, foi necessária a intervenção dos poetas que dominavam o português.

Assim, as formas principais da literatura moçambicana foram a poesia e os contos (FRESU, 2016), estes, principalmente, porque têm raízes profundas na tradição oral e toda literatura moçambicana, como todas as literaturas, começam com a tradição oral. Poetas importantes, como Noémia de Souza e José Craveirinha, com origens diversas, e tudo isso reflete em seus poemas. Já o romance chegou muito tarde; o primeiro foi escrito

por um português que se reconhecia como africano, Orlando Mendes, que escreveu *Portagem* e assumiu a função de defender os direitos dos colonizados.

Depois dessa obra, muito tempo passou-se até ser publicado outro romance. Só depois da Independência, em 1975, aparece o escritor Mía Couto, muito jovem na época, que começou a cursar Medicina, mas passou a exercer o ofício de jornalista, o que o ajudou à escrita literária e com o auxílio de outros colegas jornalistas que sabiam o português, conseguiu publicar sobre seu país. Merece destaque também a autora moçambicana Paulina Chiziane, a primeira mulher a escrever um romance com a temática de gênero, ressaltando a poligamia. A literatura moçambicana, portanto, como as literaturas do século XX e XXI, é uma ligação entre as diversidades que compõem o país Diversidades culturais, aliás, muito fortes. Nesse contexto, a literatura aparece como fonte de conhecimento, de opinião e de conhecer o resto do mundo, existe uma potência por meio da literatura de se fazer conhecer Moçambique.

Dessa forma, para retratarmos o mercado editorial do país, foi preciso um levantamento acerca de sua história muito recente e de sua questão literária. Com o depoimento do editor Alex Dau, teremos uma visão contemporânea do que se produz e como circulam as publicações em Moçambique.

O PAPEL DO EDITOR EM MOÇAMBIQUE E OS ENTRAVES PARA PUBLICAÇÃO

A segunda entrevista realizada com o editor e escritor Alex Dau foi realizada presencialmente, quase três anos após a primeira entrevista que fizemos via *Skype*. Aproveitamos a vinda de Alex a Belo Horizonte para o lançamento de seu livro publicado pela editora Nandyła, resultando nessa entrevista com mais detalhes e com um panorama do mercado livreiro em seu país.

Durante a entrevista, Alex remete ao ano de 1975, quando Moçambique, o último país colônia de Portugal, tornou-se independente e cita alguns autores, sobretudo mulheres, como Noémia de Sousa, que só conseguiu ser publicada após a Independência moçambicana. Em decorrência disso, problematiza o tardio desenvolvimento literário de

seu país e de uma literatura verdadeiramente nacional. No entanto, questionamos essa afirmação do escritor, já que não podemos desconsiderar a literatura oral que também foi constituinte da literatura moçambicana. Segundo ele, embora existisse a Associação de Escritores Moçambicanos, inferimos o caráter elitista e seletivo para se conseguir publicar, repercutindo o imaginário do circuito fechado das letras e restrito a capital, Maputo.

A experiência de Alex Dau como autor permitiu constatar alguns entraves mesmo nos dias atuais: os novos autores devem ir em busca de algum financiamento ou patrocínio para conseguir custear a produção do livro; como também saber lidar com a questão da distribuição e do pagamento dos direitos autorais. Assim, com a pretensão de tentar sanar esses problemas, criou a Oleba Editores, em 2015, de que mais adiante iremos detalhar o funcionamento.

A distribuição do livro em Moçambique, como Dau já havia ressaltado, é algo complexo. Uma única edição pode demorar de 5 a 10 anos para se esgotar. Para amenizar esse cenário, sugere que os autores façam tiragens reduzidas, de 100 a 300 exemplares, já que o poder de compra do moçambicano é muito reduzido, atrelado ao imaginário de que “livro é caro”. Nesse sentido, Alex resalta a mediação que pode ser estabelecida com os leitores, com o contato entre os próprios autores, lançamentos, entre outras alternativas. Podemos ressaltar as considerações da dupla Earp e Kornis (2005) sobre a cadeia produtiva do livro e o que poderia ser caracterizado como: o livro caro? As reflexões valem para o contexto moçambicano, já que o livro caro é aquele que fica fora do alcance de populações cuja renda é baixa:

Assim se entende que populações de países com alta renda per capita possam comprar maior número de livros, enquanto as dos países mais pobres só podem ter acesso aos mesmos através de transferências (...) se pagos pelo governo ou por bibliotecas privadas (geralmente subsidiadas). (EARP; KORNIS, 2005, P.65).

O editor também descreve os oligopólios editoriais existentes em Moçambique, como os grupos Leya, Plural e Texto Editores, e reforça, ainda, a submissão a Portugal. Alex manifesta sua insatisfação, de maneira que possa ir contra o movimento dos grupos portugueses, já que monopolizam o mercado, sobretudo de didáticos no país. Ainda resalta: “os editores moçambicanos estão para serem independentes”. Nesse sentido, a

qualificação independente já estaria imbricada em Dau devido a todo um percurso histórico marcado pela imposição cultural e política em Moçambique. Além disso, o editor ressalta a ideia de identidade atrelada às produções editoriais que deve ser estimulada:

As editoras devem se enquadrar também no mercado, na realidade moçambicana. Quando escrevo, eu procuro dar uma certa identidade aos meus trabalhos, porque senão não vai haver diferença entre uma obra de um escritor moçambicano e de um escritor brasileiro, e de um português, por exemplo, né?.

A lógica de publicação entre livros literários e didáticos, como no Brasil, tem acentuadas diferenças. O livro escolar é comprado pelo Ministério da Educação Moçambicana e, depois, a sua distribuição é gratuita em todo território. Por isso, a única fonte rentável de editoras que conseguem se “autossustentar” são essas de livros didáticos, mas que, não por acaso, são de grupos portugueses. As editoras de livros literários não conseguem sobreviver sem outra fonte de renda. Ao nos dizer isso, imediatamente perguntamos como, então, ele se sustenta. Ele nos diz que trabalha como “informático”, algumas vezes com cinema, mas não teve nenhuma formação, nenhum tipo de curso relacionado ao trabalho de editor. Ressalta que essa formação vai ocorrendo à medida que enfrenta os desafios e encontra dificuldades. Enfatizamos, portanto, a falta de uma política para o livro em seu país.

Percebemos na entrevista de Alex como algumas práticas e estratégias editoriais permitiram que sua editora se fortalecesse, como utilizar as tiragens reduzidas para que possa viabilizar a edição de um livro de um novo autor. O editor também descreve o baixo poder de compra dos moçambicanos, em que podemos associar a um imaginário de resquícios de um país que foi colônia de exploração, do pouco estímulo aos centros culturais, bibliotecas, e a constatação de que livro é algo ainda caro. Isso também é decorrente dos conflitos armados de disputa entre RENAMO e FRELIMO. De 2014 e 2016 teve, por exemplo, situações dessa espécie, e só os itens de primeira necessidade são preocupação da população.

Alex descreve-nos que Moçambique está em uma “época de descobrimentos”, metáfora do último país colônia de Portugal a se tornar “independente”. Apesar de as novas tecnologias de informação terem chegado de forma mais tardia em Moçambique, ele

avalia que, no caso do livro físico, este ainda continua sendo um companheiro inseparável, mobilizando o imaginário de que o livro nunca irá acabar. O signo “desafio” é constante em Alex, seja para publicar, ou para comprar livros, por motivações já ressaltadas no depoimento do editor moçambicano.

Dau projeta-se como um cidadão do mundo, aberto a intercâmbios e para aprender, exemplo disso é a viagem que fez ao Brasil, a Belo Horizonte, quando teve a oportunidade de estabelecer uma rede de contatos entre outros autores, editores independentes e professores. Na cidade mineira, também teve a adaptação de um de seus romances para uma companhia de dança.

Alex também traz o signo “desafio”, agora em outra dimensão, em seu depoimento, de como é viver em Moçambique, já que teve relações intersubjetivas fortes e o seu olhar sobre o país mudou. Ele reforça o momento atual de sua vida com uma intensa relação com a marcação histórica em que Moçambique está inserido, um momento de guerra, de desordens, dando-nos a inferir que, diante de contextos políticos em conflitos, perpassa o imaginário de que “a cultura é a última a ser pensada em termos políticos”. Alex insere a todo momento o povo moçambicano em sua fala (“nós”) e, por meio de um efeito patêmico, ressaltado nos signos “estamos em guerra, temos dificuldades financeiras”, coloca outras questões aparentemente fáceis de se resolver, mas que ainda não se desvincularam de Portugal. O exemplo do ISBN (*International Standard Book Number*)¹⁰, imprescindível para publicações dos livros, requer ainda autonomia.

Para um editor conseguir tirar o ISBN de seus livros, é preciso recorrer a Portugal. Isso porque um dos critérios para emissão de identificação dos livros é ter um certo número de tiragens por ano e Moçambique não alcança esse número mínimo. Então, atribuíram a Portugal, que cede o ISBN para Moçambique.

Tentamos retratar alguns aspectos gerais da realidade em que Moçambique está inserido no mercado editorial. Apesar de muito pouco ser encontrado como bibliografia, a

¹⁰ O ISBN (*International Standard Book Number*) é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição. Disponível em: <<http://www.isbn.bn.br/website/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

entrevista com Alex Dau nos fez perceber o panorama atual e os desafios que autor, editor e, de forma geral, toda cadeia pode encontrar nesse universo. Em seguida, iremos apresentar a Oleba Editores, a editora independente de Alex Dau em Moçambique.

OLEBA EDITORES: RESISTÊNCIA

A Oleba é uma editora muito jovem, fundada em 2015, e significa, em “Echuwabo”, língua falada na cidade natal de Alex Dau, Quelimane, escrever. Como há uma tendência de apagamento dessas línguas orais, o editor faz uma ressalva da importância de sua origem por meio da língua. Ressalta que as pessoas elogiam o trabalho da Oleba, de extrema qualidade, e elenca algumas estratégias para o bom funcionamento de sua editora: preços muito acessíveis, buscar o valor literário das obras produzidas, procurar uma boa produção gráfica, impressão e distribuição efetiva dos livros.

Existem algumas demandas que surgem para a editora que ainda não são possíveis de concretizar, já que estamos nos referindo a uma editora de pequeno porte, com uma média de publicação de cinco livros por ano. Percebemos que essa média de livros editados demonstra o perfil ainda modesto de sua editora e da própria literatura em formação de seu país.

A filosofia de venda e distribuição da Oleba é bem diferente das outras editoras. Quando um autor solicita um orçamento, já vai perceber que o preço que se cobra é muito simbólico. “Nós fazemos a elaboração de todo projeto gráfico até impressão. Nós entregamos todos os livros ao autor. Ele pagou pelos livros e nós entregamos. Isso é um atrativo para os autores porque ele sente que pagou pelo livro”. Bem diferente do que acontecia com ele como autor, que tinha de ir em busca de patrocínios e não recebia pelos direitos autorais. Para Alex, quando o autor já sabe que pode receber pelos seus direitos, fazer a sua própria divulgação e venda, isso é um estímulo, porque com outras editoras é preciso buscar financiamento. Eles prometem distribuir o livro, fazer lançamento e isso não acontece.

No caso da Oleba, o autor que procura os serviços da editora será acompanhado também em toda a cadeia, da concepção do projeto gráfico até a divulgação e distribuição. Outro

aspecto relevante ressaltado pelo editor é de que a Oleba foi uma das poucas editoras a começar a inserir ISBN e constitui-se como um atrativo a novos autores.

Ao perguntamos sobre o espaço físico da Oleba, Alex nos diz que funciona praticamente dentro de sua própria casa. A criação de um *website* possibilitou uma visibilidade maior e a oportunidade de as pessoas descobrirem e começarem a encontrá-lo para serviços de edição.

Website Oleba Editores



Disponível em: <<http://olebaeditores-mz.com/>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

Para evitar custos com a revisão de textos, Alex recomenda a seus autores que busquem alguém especializado em literatura e revisão para trazer o texto mais próximo da edição final. Muitas vezes, esses autores já chegam com a revisão do livro porque sabem que, se depender da Oleba, terão de pagar e o custo sai maior.

O catálogo da Oleba Editores, até junho de 2019, contava com dez livros, todos de literatura moçambicana, sobretudo de contos, próprio da tradição oral do país. A impressão dos livros é feita em uma gráfica na África do Sul, tendo em vista os menores

custos no país vizinho. Sobre o lançamento dos livros, ressalta que existem muitos espaços para lançamentos em Maputo, a capital, mas nem sempre esses espaços estão abertos para escritores desconhecidos. Por isso, vai em busca de lugares que possam aceitá-los e estimula a divulgação dos livros, pois algumas obras ficam encalhadas nas poucas livrarias de Maputo e os leitores nem sabem de sua existência. Assim, salienta que a responsabilidade da divulgação também é do autor, estimulando a participação em feiras literárias, lançamentos e sessão de autógrafo.

Ao perguntarmos sobre as maiores dificuldades que a Oleba Editores enfrenta hoje, Alex não titubeia em dizer que são os recursos financeiros. Existem alguns originais enviados à editora com um valor literário primoroso, mas não tem como financiar o projeto. Outra questão pertinente é a mediação a ser feita com um público leitor. Na cidade em que vive, Maputo, existem alguns leitores, mas não um número significativo. E se o número de leitores é baixo, o número de livrarias é ainda mais assustador. Segundo ele, na capital, existem em atividade cinco livrarias. Nas cidades do interior, desconhece alguma que tenha livraria. Agravando ainda mais a situação, muitas escolas não têm bibliotecas. Assim, esse cenário aparece como enorme obstáculo para a distribuição de livros e de novos leitores.

No entanto, algumas medidas estão sendo tomadas pelo governo e por instituições moçambicanas, como a feira de livro, pelo Fundo da Língua Portuguesa, uma instituição do Estado que tem como objetivo levar o livro ao maior número de leitores, e por meio de um plano de governo, consegue que o livro alcance regiões remotas de Moçambique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a esse cenário, perguntamos a Alex Dau o que seria, para ele, um bom editor:

00:58:40 – 00:59:25

Ser um bom editor é como se a gente fosse um bom pai, um bom pai procura dar a melhor educação para os seus filhos, né? Um bom editor ele procura, realmente, dar o melhor conselho ao autor, no que diz respeito a obra de uma maneira geral, desde a sua concepção, a sua finalização, então eu acho que o editor e o autor deve funcionar esse elo de ligação como se fosse pai e filho, uma boa relação. Então entre pai e filho. Então acho um bom editor aquele

que realmente dei a melhor educação a meu filho, e o resultado disto é um livro perfeito, um livro bom.

Percebemos nesse trecho que Alex agencia uma série de recursos para projetar uma imagem positiva do editor. Para isso, compara o autor à figura de um pai, que procura dar uma boa educação ao filho. O elo entre pai e filho, e no caso, autor/editor e livro, remete-nos ao imaginário do livro como filho de um autor, e toda uma relação afetiva que se emerge. É nesse papel de editor paternal que Alex projeta um *ethos* de bom pai, de possibilitar a concepção de um livro.

Conforme Boudieu (2014) já havia mencionado, as pequenas editoras, como é o caso da Oleba Editores, de Alex Dau, é dirigida por um jovem editor, dotado de uma forte cultura literária, e sobrepõe o capital simbólico em detrimento do capital econômico pequeno de sua editora. O campo editorial, atrelado às estratégias editoriais que firmam seus princípios, fazem da Oleba Editores uma postura criteriosa às suas publicações e compromissada com o papel social que o editor e sua casa editorial podem se tornar para a formação de uma identidade nacional e consolidar um mercado editorial ainda em formação em Moçambique.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Una revolución conservadora en la edición. In: **Intelectuales, política y poder**. Eudeba: Buenos Aires, 2014.
- EARP, Fábio Sá; KORNIS. **A economia da cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.
- DA MINHA língua vê-se o mar. Direção: Letícia Santana Gomes. Belo Horizonte, 2017. (102 min). Disponível em: <<https://vimeo.com/250715676>>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- FRESU, Anna. A literatura moçambicana na construção da nação. **YouTube**, 31 maio 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/S2wHQT>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- MUNIZ JR, José de Souza. **Girafas e bonsais**: editores “independentes” na Argentina e no Brasil. 2016, 335f. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula. **Moçambique**: das palavras escritas. Porto (Portugal): Edições Afrontamento. 2008.